DF - educação

REPETÊNCIA

Novo programa propõe aulas individuais para alunos

18 FEV 1997

Rosana Tonetti

Da equipe do Correio

CORREIO BRAZILIENSE

Repetir o ano. A expressão, por só, já diz tudo para o aluno que não conseguiu uma boa avaliação para passar de série. Ele vai ter que rever todas as matérias que estudou durante o ano. Uma condição que traz problemas escolares e familiares. Afinal, o repetente se sente desestimulado, incapaz e sofre com a cobrança dos pais. Segundo o Ministério da Educação e do Desporto (MEC), 46 mil alunos do ensino fundamental na rede pública do DF perderam o ano letivo em 1995 — o equivalente a 20,5% do número total de 227 mil estudantes matriculados. Os dados de 1996 ainda não foram fechados.

Em 1997, o governo pretende solucionar o problema para 35 mil crianças com idade entre 6 e 8 anos que estudam em escolas públicas. Elas farão parte do programa *Escola Candanga*, um novo projeto de ensino do governo que pretende acabar de vez com a repetência escolar.

O projeto da Fundação Educacional acaba com as chamadas "séries" escolares, transformando-as em fases. Os alunos continuarão a aprender pelo método tradicional, só que terão um atendimento individual. A permanência na escola será alterada de quatro para cinco horas, completando uma jornada anual de 200 dias letivos. Até 1996 eram ministrados 180 dias letivos.

LABORATÓRIO

Justamente por fazer um trabalho de acompanhamento do ritmo de cada aluno, a Escola Candanga tende a acabar com a repetência. A criança vai aprender em sala de aula, onde os trabalhos serão coletivos. Se ela não estiver acompanhando, freqüentará um laboratório de aprendizado, para verificar as dificuldades e os obstáculos. Então, serão apresentados ao aluno outros métodos de ensino. Caso persista o mau de-

sempenho, os estudantes participarão de turmas de reintegração, com nova revisão dos conteúdos.

"A punição para o aluno que não vai bem na escola tradicional é reprová-lo. Já na Escola Candanga se faz uma avaliação individual e se tenta ajudar a criança até nos problemas pessoais", explica a diretora de ensino fundamental da Fundação Educacional, Isabel Cristina Assis.

A principal característica deste programa é a interdisciplinaridade. Os professores trabalharão todos os conteúdos de forma integrada, introduzindo os chamados temas transversais, como sexualidade, drogas, racismo, ecologia e outros assuntos polêmicos que serão tratados dentro da sala de aula. Ao todo, 180 escolas da rede oficial vão fazer parte da Escola Candanga. O governo também quer ampliar o programa, em etapas futuras, para séries mais adiantadas do primeiro e segundo grau.

"A tendência é que o projeto cresça, uma vez que 180 escolas aderiram voluntariamente à proposta. Brasília tem o melhor ensino do país, fruto do trabalho e dedicação da direção das instituições e daqueles que estão em sala de aula", salientou o secretário de Educação, Antonio Ibañez.

SERVIÇO

Mais informações sobre a Escola Candanga na série de conferências de Miguel Arroyo, ex-secretário adjunto de educação de Belo Horizonte (MG). Ele vai falar sobre a experiência deste modelo de escola em Belo Horizonte. O conferencista se apresentará nos seguintes dias e locais:

TERÇA-FEIRA (DIA 18)

Hora: das 9h às 12h.

Local: Centro de Convenções Ulysses Guimarães (auditório Planalto)

Para as redes de ensino do Plano Piloto, Cruzeiro, Guará, Núcleo Bandeirante, Paranoá e Gamal.

Hora: das 14h30 às 17h30

Local: CEFB. Menezes Sobradinho II.

Para as redes de ensino de Sobradinho e Planaltina.

QUARTA-FEIRA (DIA 19)

Horário: das 9h às 12h (para as redes de ensino em Taguatinga e Brazlândia) e das 14h30 às 17h30 (para as redes de ensino de Samambaia e Ceilândia).

Local: Sesi - DN. EQNF 20/24 Área Especial — Teatro Iara Amaral - Taguatinga.